

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

A PLURALIDADE CULTURAL DAS LUTAS INDÍGENAS NA ESCOLA

Camila da Silva Virgilio¹
Fabio Arnold Caetano¹
Keith Sato Urbinati²
Luiz Rogério Albuquerque³

RESUMO: Nosso relato de experiência foi um trabalho desenvolvido em uma escola pública de Curitiba, com duas turmas de 9º ano do ensino fundamental II através do Projeto de Iniciação à Docência (PIBID), onde oportunizou o conhecimento e a prática das Lutas Indígenas pelos alunos. O objetivo foi o desenvolvimento da pluralidade cultural pelo resgate da cultura indígena. Realizamos um trabalho interdisciplinar entre educação física, artes e história.

PALAVRAS – CHAVE: Escola. Lutas Indígenas. Educação Física

INTRODUÇÃO

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (2002) o tema transversal ‘pluralidade cultural’ deveria ser trabalhado no ambiente escolar. Dentre diferentes povos que formam a população brasileira, os indígenas brasileiros tem uma grande contribuição sócio cultural brasileira.

Na escola, dentre as diversas disciplinas, a Educação Física é um importante agente de reconhecimento, valorização e transformação social, o que nos faz refletir sobre como trabalhar com o tema pluralidade cultural, especialmente com povos indígenas.

Dentre os diversos conteúdos da educação física escolar, o conteúdo de lutas visa à vivência dos alunos nessa prática corporal, de tal forma que venha a contribuir para seu desenvolvimento integral (LEITE, BORGES, DIAS, 2012). Segundo os PCNS (1998, p.70):

As lutas são disputas em que os oponentes devem ser subjugados, com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica a fim de punir atitudes de violência e deslealdade. Podem ser citados exemplos de luta as brincadeiras de cabo de guerra e braço de ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do Caratê.

No ano de 2013 realizamos um trabalho sobre lutas indígenas na disciplina de Teoria e Prática de Lutas no curso de Licenciatura em Educação Física da PUCPR. Apesar do pouco

335

¹ Acadêmicos de Licenciatura em Educação Física do Projeto de Iniciação à Docência (PIBID, PUCPR).

² Grupo de Pesquisa em Comportamento Motor, PUCPR.

³ Coordenador do Projeto PIBID – Educação Física, PUCPR

material, resgatamos alguns levantamentos. No fichamento de trabalhos científicos observamos a dificuldade na descrição de lutas indígenas, uma vez que a corporalidade indígena é muitas vezes repassada através da oralidade e práticas corporais (SANETO; ANJOS, 2012).

Realizou-se então de forma interdisciplinar um trabalho conjunto entre os Projeto de Iniciação a Docência (PIBIDs) de educação física, história e disciplina de artes para implantar o tema pluralidade cultural através das lutas indígenas. Assim, o nosso projeto ocorreu em duas distintas fases: Na fase (1) de pesquisa realizamos levantamento bibliográfico sobre aspectos históricos, culturais e de movimento indígena. Na fase (2) houve a implementação de cinco aulas ministradas pelos acadêmicos de educação física e história para duas turmas de nono ano de uma escola estadual de Curitiba/PR. Deste modo, o objetivo do nosso projeto foi realizar uma intervenção sobre lutas indígenas no ambiente escolar.

DESENVOLVIMENTO

Na fase 1 realizamos pesquisas sobre a temática. Os acadêmicos PIBID de história realizaram levantamento referente aos contextos históricos, culturais, direitos dos índios e órgãos competentes que protegem estas etnias. Os acadêmicos PIBID de educação física sobre as lutas indígenas e artes sobre as vestimentas e ornamentos.

Após levantamento científico observamos que as lutas indígenas são pouco descritas. Apenas em algumas aldeias indígenas no Brasil. Poucos trabalhos foram aplicados na educação física escolar, como por exemplo, o de Coelho (2010). O autor Coelho, (2010) coloca como proposta utilizar nas aulas de educação física discussões sobre os costumes e tradições indígenas. Ainda observamos a luta *Huka-Huka* tradicional das Tribos *Kamayura* (JUNQUEIRA; VITTI, 2009; GRANDO, AGUIAR e OLIVEIRA, 2009) e as duas lutas o “Derruba Toco” e “Briga de Galo” (COELHO, 2010).

Para melhor compreensão do tema estudado, realizamos visitas em duas aldeias. A Aldeia *Araçáí*, etnia *Guarani*, na cidade de Piraquara, PR. Infelizmente fomos até a aldeia, mas não conseguimos realizar a pesquisa.

A segunda aldeia foi à aldeia urbana no bairro Tatuquara em Curitiba, a Aldeia *Kakané Porã*. Segundo entrevista, na aldeia não são realizadas atividade de lutas indígenas, alguns alunos realizavam uma luta parecida com a Briga de Galo. A aldeia foi modernizada por estar próxima à cidade. A modernização e perda da identidade cultural de povos indígenas são apresentadas por

Grando et al (2007), Silva e Cabral (2006), Saneto e Anjos (2012), muitos relatos de atividades de lazer são similares ao do homem branco.

Seguindo a idéia de Coelho (2010), ficou então decidida após as pesquisas a aplicação de três estilos de lutas indígenas (Briga de Galo, Derruba Toco e Huka-Huka), na educação física escolas, uma vez tendo as lutas como um dos eixos norteadores dos PCNs.

A briga de galo é uma luta realizada pela etnia *Manchineri* no Acre, onde a luta consiste em dois adversários se enfrentando em um círculo que mais ou menos 8 metros de diâmetro, os dois devem iniciar a luta com o tronco flexionado até altura da linha da cintura, ficando com as duas mãos na parte posterior da coxa com joelhos também flexionados. É proibido o uso das mãos e o objetivo é empurrar o adversário para fora do círculo usando apenas o tronco, ganhando o lutador que ficar dentro do círculo (COELHO, 2010).

A luta **Derruba toco** é também conhecida como luta do *Maracá* pelos índios *Tupinambás*. Realizada pelos índios *Pataxós* de Minas Gerais e da Bahia. Também com um círculo de cerca de 8 metros de diâmetro, um pedaço de toco de árvore fica ao centro do círculo, havendo duas maneiras de vencer a luta, derrubando o toco com alguma parte do corpo do adversário ou empurrando o oponente para fora do círculo. (COELHO, 2010)

A luta **Huka-Huka** é uma prática corporal indígena ocorrida principalmente nas tribos *Kamayura* em MT no Alto Xingu, é realizado entre os jovens, o que seria da passagem jovem para a adulta. Então esses jovens na fase pubertária por volta dos 14 anos de idade são confinados recebendo ensinamento dos índios mais velhos, refeição diferenciada para limpeza corporal e melhorar o enrijecimento muscular, além dos ritos e técnicas da luta e esse período é chamado de reclusão pubertária e uma das únicas vezes que se tem uma atividade motora é quando os jovens índios visitam outras tribos e se enfrentam de caráter amistoso (FERREIRA, 2007). Originalmente o *Huka-Huka* é realizado nos festejos *Kuarup* que é uma cerimônia que em homenagem aos mortos realizada apenas por homens (MADEIRA, 2006; JUNQUEIRA, VITTI, 2009).

O *Huka-Huka* inicia-se com os dois oponentes ajoelhados, em dado momento o dono da luta, ira ate o centro e chamaram os adversários que irão girar em círculo em sentido anti-horário de frente um com outro até se entreolharem e se agarrarem permanecendo de joelhos ai sim após tentando derrubar o adversário de costas ao chão ou agarrando na região posterior dos joelhos, saindo-se vencedor o adversário que conseguiu executar as regras, é permitido durante as lutas que os adversários fiquem em pé ou agachados. Um dos detalhes importantes que nenhuma das

lutas acima permite a agressão com chutes, pontapés ou socos e estrangulamento. (COELHO, 2010; JUNQUEIRA, VITTI, 2009).

Na fase 2 foram realizadas cinco as aulas em três momentos: (1) com aulas expositivas em conjunto com o PIBID história sobre os contextos históricos, culturais, direitos dos índios, órgãos que protegem estas etnias vestimentas e ornamentos; (2) aula teórica sobre as lutas indígenas; (3) aulas práticas, com aplicação de questionário diagnóstico sobre o conhecimento dos alunos sobre a temática. Nas aulas práticas não tivemos a aceitação que gostaríamos, poucos alunos participaram da atividade (06 e 12 alunos por turma). Porém, após cada aula o número de alunos foi aumentando. As aulas ficaram mais animadas e disputadas, porém com respeito de todos e vontade de praticar as lutas indígenas.

Na primeira aula realizamos jogos de oposição, com atividades de rapidez e atenção, imobilizar, reter e livrar-se, desequilibrar, conquista de objeto e de território. Na segunda aula realizamos o jogo de oposição “Pega Pena” e Bola ao Arco e contextualizamos a luta Briga de Galo. Na terceira aula realizamos um *feedback* da luta Briga de Galo e iniciamos a luta Derruba Toco. Na quarta aula relembramos a luta Derruba Toco e começamos com a luta Huka-Huka; essa luta foi rapidamente aprendida pelos alunos e foi a mais esperada por eles devido a um dos vídeos apresentados, onde o lutador Anderson Silva visitou uma aldeia indígena e lutou com os índios nesta modalidade, quase todos participaram da aula o que nos deixou muito satisfeito. Na quinta aula foram lembradas as três modalidades e apresentação das lutas pelos alunos.

A apresentação foi realizada em espaço aberto na escola para vários alunos, foram utilizados pinturas no rosto, cocares e outros materiais confeccionados na disciplina de artes. Os alunos que não participaram da apresentação nos disseram que se arrependeram, pois não imaginavam que seria ‘tão legal’!

CONCLUSÃO

Ao realizar uma intervenção sobre lutas indígenas no ambiente escolar observamos o aumento da participação dos alunos conforme o avanço das aulas. Percebemos a importância do trabalho interdisciplinar entre as disciplinas de história, educação física e artes. Também observamos no início das atividades pouca compreensão dos alunos sobre a temática pluralidade cultural’, especialmente sobre populações indígenas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao apoio do Prof. Lucio Coraiola e os acadêmicos Carlos Eduardo Antunes, Victor Falk e Mike Douglas no auxílio durante a intervenção deste projeto.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: PLURALIDADE CULTURAL**, 2002.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: EDUCAÇÃO FÍSICA** /SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Brasília: MEC/SEF, p.70, 1998.

COELHO, L. S. **CORPO, INFÂNCIA E CULTURA: O LAZER E A CONSTITUIÇÃO DA(S) IDENTIDADE(S) DAS CRIANÇAS PATAXÓS**. In: XVI CONBRACE e III CONICE, 2009, Salvador. Formação em Educação Física e Ciências do Esporte: Política e Cotidiano, 2009.

FERREIRA, M. R. **O PROCESSO DE MUDANÇAS NA SOCIEDADE E OS JOGOS TRADICIONAIS INDÍGENAS**. In: X Simpósio Internacional: Processo Civilizador 2007, Campinas – SP.

GRANDO, B. S.; AGUIAR, E. T.; OLIVEIRA, B. M. **A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE AS PRÁTICAS CORPORAIS INDÍGENAS E SUAS RELAÇÕES COM OS JOGOS INDÍGENAS DO BRASIL**. In: XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte [e] III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Salvador: CBCE, 2009.

JUNQUEIRA, C; VITTI V. T. **O KWARYP KAMAIURÁ NA ALDEIA DE IPAVU**. In: Estudos avançados. v 23, no. 65, 2009, São Paulo.

LEITE, F. F.; BORGES, R. S.; DIAS, T, L, V. **A UTILIZAÇÃO DAS LUTAS ENQUANTO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE ARAGUAÍNA-TO**. In: Revista Científica do ITPAC. v 5, n 3, 2012, Tocantins.

MADEIRA, S. P. **RITUAL DE INICIAÇÃO NO ALTO XINGU: A RECLUSÃO FEMININA KAMAYURÁ**. In: Revista de ciências humanas de Florianópolis - EDUFSC. 2006, Florianópolis – SC.

SANETO, J. G.; ANJOS, J. L. **CORPO E RITUAL NOS JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS**. In: V Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte, 2012, Dourados-MS. V Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte, 2012. p. 42.

SILVA, M. C. P.; CABRAL, C. O. **POVOS INDÍGENAS E RELAÇÕES AMBIENTAIS: UM OLHAR NA EDUCAÇÃO**. In: Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte [e] II Congresso Internacional de Ciências do Esporte. CD-Rom. Recife: CBCE, 2007.